

O QUESTIONAMENTO SOBRE CERTAS VERDADES E A SIMBOLOGIA DO SILÊNCIO NA PENTALOGIA SCORZIANA

Elda Firmo Braga

...el que pone de lado, por voluntad, una parte de la verdad, cae a la carga por la verdad que faltó, que crece en la negligencia, y derriba lo que se levanta sin ella.
 (MARTÍ, 1984)

*A través de la tierra juntad todos
 los silenciosos labios derramados
 y desde el fondo habladme toda esta larga noche
 como si yo estuviera con vosotros anclado,
 contadme todo, cadena a cadena,
 eslabón a eslabón, y paso a paso,
 afilad los cuchillos que guardasteis,
 ponedlos en mi pecho y en mi mano,
 como un río de rayos amarillos,
 como un río de tigres enterrados,
 y dejadme llorar, horas, días, años,
 edades ciegas, siglos estelares.
 Dadme el silencio, el agua, la esperanza.
 Dadme la lucha, el hierro, los volcanes.
 Hablad por mis palabras y mi sangre.*
 (NERUDA, 2005)



Os romances *Redoble por Rancas* (1970), *Garabombo, el invisible* (1972), *El jinete insomne* (1977), *Cantar de Agapito Robles* (1977) e *La tumba del relámpago* (1979), produzidos pelo escritor peruano Manuel Scorza (1928-1983), são protagonizados por indígenas do altiplano peruano e fazem parte de um ciclo narrativo intitulado pelo próprio autor *pentalogia* ou *La guerra silenciosa*. Neste texto, contemplaremos um interessante jogo entre “verdade” e “mentira” que se evidencia nas referidas narrativas, bem como teceremos uma reflexão sobre alguns dos valores simbólicos do “silêncio” retratados nestas obras.

No tocante ao valor da "verdade", no prólogo do segundo romance, *Garabombo, el invisible*, encontramos um questionamento sobre a representatividade da história oficial: "Los historiadores casi no consignan la atrocidad ni la grandeza de este desigual combate que, por enésima vez, ensangrentó las cordilleras de Pasco en 1962". Esse fragmento é um bom exemplo da crítica feita por Scorza ao trabalho dos historiadores os quais, segundo seu ponto de vista, não relatavam a contento a luta desigual e secular transcorrida reiteradamente na Cordilheira andina.

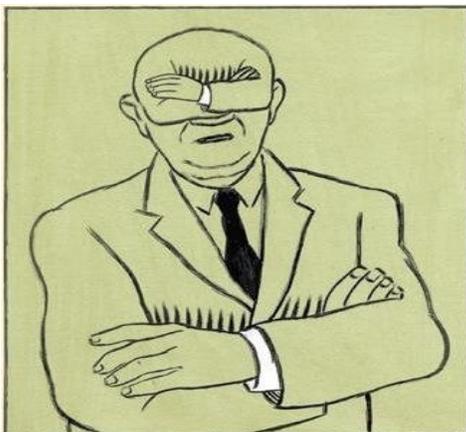
O autor denuncia a omissão dos historiadores que parecem não ter tido a sensibilidade para narrar as "atrocidades" cometidas pelos detentores de poder, sob o amparo do aparato repressivo estatal e, tampouco, para retratar a "grandeza" heróica dos indígenas, que, mesmo participando de um combate desigual pela preservação de seus costumes ancestrais e de suas terras coletivas, não desanimaram ou deixaram de lutar por seus ideais, pois quando uma rebelião e seus protagonistas são eliminados, silenciados pela morte violenta, outra imediatamente surge.

Esse contexto nos remete as considerações feitas por Benjamin (1994) em relação ao compromisso do historiador com os vencedores e, na mesma medida, a omissão da História que não daria voz aos dominados:

...se nos perguntamos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia, a resposta inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. (p.225)

Benjamin (1994) considera que a História precisa levar em conta todos os ângulos e aspectos de seu objeto de investigação. Para ele, "nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história" (p.223). Nessa perspectiva, um historiador que se atém exclusivamente à versão dos vencedores, perde uma oportunidade de conhecer o outro lado e, assim, confrontar duas vozes socialmente distintas, como também de fazer valer a voz dos silenciados.

Atualmente, ainda existe uma tendência de se imaginar que a História retrata a mais absoluta "verdade", como podemos perceber nas seguintes palavras de Chartier:



Entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção "é um discurso que 'informa' do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele", enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é. (2009, p.24)

Scorza, por meio de sua crítica, contribui para que se possa refletir sobre a problemática da representação da realidade, pois como lembra Santos (2005) "a história não é realidade, acontecimento, mas memória, descrição, testemunho, reconstituição dos fatos passados e, portanto, terá várias versões".

Ledesma, o protagonista do último romance do ciclo narrativo scorziano, *La tumba del relámpago*, tece algumas reflexões sobre a omissão da História diante das centenas de rebeliões que aconteceram em menos de uma década no Peru:

De regreso, Ledesma no pudo evitar recordar el amargo fin de las luchas campesinas. Para preparar su tesis consagrada a esas rebeldías – sobre las cuales los historiadores no decían prácticamente nada – había consultado las Actas del “Patronato de la Raza Indígena”. Según ellas, entre 1922 y 1930 estallaron en el Perú 697 rebeliones. ¡697 alzamientos en ocho años, es decir un promedio de setenta anuales! ¡Un alzamiento a cada cinco días! (*La tumba del relámpago*, p.78).

No que tange a relativização do valor de verdade histórica, podemos estabelecer um diálogo entre *La guerra silenciosa* e os *Comentarios Reales*, de Garcilaso de la Vega. Este autor, desde o “Proemio al lector” tece uma sutil crítica aos historicistas espanhóis quanto à forma que retratavam o povo inca:

En el discurso de la historia protestamos la verdad de ella, y que no diremos cosa grande, que no sea autorizándola con los mismos historiadores españoles que la tocaron en parte o en todo: que mi intención no es contradecirles, sino servirles de comento y glosa, y de intérprete en muchos vocablos indios que como extranjeros en aquella lengua interpretaron fuera de la propiedad de ella, según que largamente se verá en el discurso de la Historia, la cual ofrezco a la piedad del que la leyere... (1991, p.5, Vol. I)

Não podemos nos esquecer de que Garcilaso de la Vega produziu sua obra durante a vigência da inquisição espanhola. No entanto, o autor não deixa de registrar o seu protesto contra a história oficial, sendo que, quase de forma implícita, ele ressalta a falta de precisão dos relatos produzidos durante a época da “Conquista”. Dessa forma, tanto Scorza quanto Garcilaso de la Vega, embora cada um utilize um matiz ou tom diferente, tecem críticas à historiografia e à pretensão de se acreditar na possibilidade da história retratar fielmente uma determinada realidade.

No entanto há algumas décadas o ponto de vista histórico vem se transformando e, mais recentemente, os historiadores têm trabalhado no sentido de reconhecer não apenas o discurso e o testemunho do dominador, muitos levam em conta também a voz dos vencidos. A partir de uma nova e ampliada perspectiva, ao longo das últimas décadas do século XX, a historiografia veio trazendo para seu território novas fontes, novos objetos de contemplação como, por exemplo, as cartas, as biografias, os testemunhos escritos e orais e a própria literatura.

Ainda a respeito do jogo existente entre verdade e mentira, outras manifestações tomam forma nos romances como no trecho que segue: “con los años uno sabe que bajo el vellón de muchos corderos se esconden lobos y la mentira es realidad y la realidad quimera” (*La tumba del relámpago*, p.59). Nesse fragmento, ocorre uma inversão onde um “lobo” pode ser um “cordeiro”, como também a “mentira é realidade” e a “realidade é mentira”. A relativização, sob esse prisma, é generalizada, visto que nem tudo o que aparenta ser real é realidade e, analogamente, nem tudo que tem a aparência de falso é mentira.

Estejamos atentos ao fragmento: "mintiendo yo fui sincera" (*La tumba del relámpago*, p.155). Remetendo à linguagem literária, a partir desse fragmento, poderíamos dizer, de forma análoga, que a literatura, mesmo não reproduzindo "fielmente" uma realidade externa à obra, pode ser profundamente sincera.

Com relação à simbologia do silêncio, Scorza produziu a sua saga literária com o objetivo de projetar a causa dos povos indígenas diante da conivente omissão de vários seguimentos da sociedade peruana no tocante aos abusos sofridos pelos índios por séculos. Não podemos deixar de destacar que o silêncio também é repleto de sentido, visto que é "povoado de signos" (PAZ, 1982).

Aqui buscaremos refletir sobre alguns dos possíveis sentidos que podemos estabelecer para o termo "silêncio" a partir da leitura dos mencionados romances e, também, pensar a linguagem literária como um espaço que pode contribuir significativamente para projetar os problemas enfrentados por grupos sociais marginalizados. Nessa perspectiva, Diogo (2005) ressalta que:

O escritor, leitor da cultura e da história hispano-americanas, deve (...) penetrar no silêncio, ouvir as palavras que foram caladas, dar-lhes voz, traduzindo por meio da ficção o vazio que se estabeleceu entre o mito e a realidade, entre o mundo primitivo, baseado na tradição oral, e o mundo contemporâneo, espaço-tempo do registro escrito e da verdade histórica. (DIOGO, 2005)

A maneira como o autor enfatiza a questão do silêncio em suas obras, a ponto intitular o seu ciclo narrativo de *La guerra silenciosa* é bastante significativa, visto que a palavra "silêncio", neste contexto, pode remeter a várias questões referentes à causa indígena. Dentre elas, destacamos algumas tais como a representação dos silenciados, do povo que não tem voz; a cegueira e a surdez proposital; a tentativa da sociedade de ignorar os direitos dos índios; além dos massacres (uma forma de silenciar) que ocorrem reiteradamente após cada reação dos povos originários contra as injustiças que sofrem: "¡Miles de muertos! ¡Ciento de Miles de muertos! ¡Alzamientos sucedidos en silencio, combatidos en silencio, aplastado en silencio!" (*La tumba del relámpago*, p.78).

Destacamos duas palavras no trecho anterior "alzamientos" e "aplastado": a primeira remete a levantamentos, rebeliões e a segunda a humilhação, derrota. Esses termos são bem representativos dentro do universo narrativo da *pentalogía*, onde a rebelião é uma forma de reagir à humilhação.

Esse silêncio está relacionado também ao desamparo e à falta de diálogo:

...en este mundo el único diálogo posible es el monólogo. (*El jinete insomne*, p.102)

La tragedia del campesinado es que rara veces cuenta con el apoyo de la ciudad. (*La tumba del relámpago*, p.222).

O desamparo leva ao isolamento, ratificado pela falta de "diálogo", pois o "monólogo" pode ser entendido, nesse contexto, como uma marca da ausência de busca de entendimento entre dois lados diferentes, já que se trata de uma ação individual, totalmente oposta ao "diálogo" que, para se estabelecer, no mínimo necessita de duas pessoas ou de dois grupos. Todas essas constatações levaram o autor a denominar a luta dos povos indígenas peruanos como "solitaria" (Prólogo de

Redoble por Rancas); “desesperada”, “desigual combate”, “guerra callada” (Prólogo de *Garabombo, el invisible*).

Assim sendo, o termo silêncio é muito significativo aqui, tanto por caracterizar-se como polissêmico quanto por manifestar o drama do qual os indígenas dos Andes centrais peruanos são vítimas, além de representar a omissão e falta de compromisso da História oficial em relação às sucessivas e verdadeiras injustiças cometidas contra os índios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 10. ed., São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DIOGO, Rita de Cássia Miranda. El Naranjo: a articulação entre ficção e tradução cultural na narrativa de Carlos Fuentes. In: *Revista Hispanista*, n. 23, out./Nov./dez. de 2005. Disponível em:

<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo182esp.htm> - acessado em setembro 2010.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. *Comentarios Reales I*. 3. ed., Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. In: Páginas escogidas. Madrid: Espasa-Calpe, 1984.

NERUDA, Pablo. Alturas de Macchu Picchu. In: *Canto General*. Santiago de Chile: Pehuén, 2005.

SANTOS, Ana Cristina dos. *Jorge Luis Borges: a escrita como exercício da memória*. Anais do II CLUERJ-SG, São Gonçalo, 2005. Disponível em

<http://www.filologia.org.br/cluerj-g/anais/ii/completos/mesas/8/anacristinadossantos.pdf> - acessado em setembro de 2010.

SCORZA, Manuel. *Redoble por Rancas*. 2. ed., México: Siglo XXI, 2005.

_____. *Garabombo, el invisible*. 1. ed., México: Siglo XXI, 1991.

_____. *El jinete insomne*. 1. ed., México: Siglo XXI, 1991.

_____. *Cantar de Agapito Robles*. 1. ed., México: Siglo XXI, 1991.

_____. *La tumba del relámpago*. 7. ed., México: Siglo XXI, 1998.

TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói, EdUFF, 2006.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Col. Logos.